

NÚCLEO DE ATIVIDADES DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: PERSPECTIVA DE UMA PSICÓLOGA

Keilla Rebeka Simões de Oliveira

(Universidade Federal de Pernambuco, keilla.rso@gmail.com)

Resumo: O aluno com altas habilidades/superdotação se caracteriza por apresentar um elevado potencial, que pode ser evidenciado nas mais diversas atividades desenvolvidas por ele. Por esta questão, muitas vezes, uma ideia comum existente é de que este aluno não necessita de um atendimento educacional especial, o que vai de encontro às leis que regulamentam a educação no Brasil; além de não proporcionar o desenvolvimento deste sujeito. Por outro lado, estão sendo alcançados avanços na tentativa de romper com estas práticas excludentes. Uma das ações desenvolvidas foi a implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S), em todos os estados, voltados para o atendimento de professores, alunos com altas habilidades/superdotação e suas famílias. O presente estudo teve como objetivo descrever as atividades realizadas por um Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) e relatar as concepções da psicóloga que atua nesse local acerca da importância das atividades realizadas. Para isso, foi desenvolvida uma entrevista semiestruturada, que foi transcrita e analisada com base na apreensão dos sentidos presentes na fala, a partir de núcleos de significação. Os resultados obtidos demonstraram que as atividades realizadas pelo NAAH/S em questão estão em consonância com o documento orientador para sua implantação, e são importantes para o desenvolvimento das habilidades desses alunos. Porém, algumas mudanças precisam ser efetivadas, com vistas ao melhor desenvolvimento de suas propostas, como, por exemplo, o fato de atender mais alunos de escolas particulares e de não haver uma equipe completa de profissionais.

Palavras-chave: Núcleo de Atividades de Altas habilidades/superdotação, Atividades desenvolvidas, Educação Inclusiva.

1. Introdução

De acordo com a Secretaria de Educação Especial, a superdotação se caracteriza como: “elevada potencialidade de aptidões, talentos e habilidades, evidenciada no alto desempenho nas diversas áreas de atividade do educando e/ou a ser evidenciada no desenvolvimento da criança. Contudo, é preciso que haja constância de tais aptidões ao longo do tempo, além de expressivo nível de desempenho na área de superdotação” (BRASIL, 2006, p.14).

Analisando-se os estudos acerca deste tema, percebe-se a existência de alguns mitos e crenças, ainda vigentes na sociedade, que atrapalham a identificação e a educação dos alunos com altas habilidades/superdotação (ANTIPOFF e CAMPOS, 2010; BERMAN, SCHULTZ e WEBER, 2012; MAIA-PINTO e FLEITH, 2002; REICH e FREITAS, 2005). Alguns dos principais mitos existentes são: o superdotado apresenta alto desempenho acadêmico e é bom em todas as áreas; as crianças superdotadas tem um QI excepcionalmente elevado; o superdotado é considerado um gênio e não precisa de orientação para aprender; todos os superdotados terão um futuro de sucesso; a superdotação é apenas inata ou apenas um produto do ambiente (WINNER, 1998).

Estes mitos refletem em práticas pedagógicas que desconsideram este aluno, já que frequentemente não há no contexto escolar o reconhecimento de que ele apresenta necessidades educacionais especiais e, desse modo, requer intervenções pedagógicas específicas (ALENCAR, 2001; ANTIPOFF e CAMPOS, 2010). Conforme destaca Antipoff e Campos (2010), a ideia mais comum presente nas escolas é a de que se deve incluir, na sala de aula, aquele aluno que apresenta um desenvolvimento inferior quando comparado às outras crianças, enquanto aqueles que possuem um potencial superior não necessitam de um atendimento educacional especial.

Porém, apesar destas questões, as iniciativas para proporcionar uma educação especial voltada para o aluno com altas habilidades/superdotação, a partir de leis e projetos educacionais, têm crescido de forma significativa. A concepção de educação inclusiva rompe com uma trajetória de exclusão e segregação das pessoas com deficiência, no Brasil, alterando práticas educacionais, de modo a incentivar a igualdade de acesso e a permanência nas escolas.

Sobre essa questão, a escola historicamente se organizou como privilégio de um grupo, enquanto a educação especial estava voltada para o atendimento especializado substitutivo ao ensino comum, surgindo, assim, as instituições especializadas, as escolas especiais e as classes especiais. No entanto, com o passar dos anos foram alcançados alguns avanços na tentativa de romper com essas práticas excludentes. Em 1961, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) apontou o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente no

(85) 3322.5222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

sistema geral de ensino (Lei nº 4.024/61). Em 1973, o Ministério da Educação (MEC) criou o Centro Nacional de Educação Especial (CNESE), voltado para a proposição de ações educacionais para as pessoas com deficiência e superdotação. O termo superdotado apareceu pela primeira vez nos documentos oficiais e no sistema educacional em 1971, mesmo ano da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases 5.692/71 e da realização do Seminário sobre Superdotados na Universidade de Brasília (RANGNI e COSTA, 2011).

A atual Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, preconizou oportunidades educacionais especializadas para atender às necessidades especiais dos alunos nos sistemas de ensino regular. Outro fator de destaque foi que, em 2005, houve a implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S), em todos os estados, para a organização de centros de referência voltados para o atendimento educacional especializado, orientação às famílias e formação continuada de professores para o atendimento dos alunos da rede pública de ensino (BRASIL, 2010).

De acordo com o documento orientador para a implantação dos NAAH/S nos Estados Brasileiros e no Distrito Federal, é tarefa dos núcleos: atender alunos com altas habilidades/superdotação; formar e capacitar professores e profissionais de educação para a identificação e atendimento destes alunos; acompanhar os pais destes alunos e a comunidade escolar; e disseminar informações, visando uma educação inclusiva (BRASIL, 2006).

Além do mais, o documento propõe as unidades das quais o núcleo deve ser composto: (a) unidade de atendimento ao professor (formação continuada, pesquisa e planejamento de ações; suporte a profissionais da educação); (b) unidade de atendimento ao aluno (apoiar os alunos com altas habilidades/superdotação, a partir de espaços para desenvolvimento de atividades de interesse e parcerias com instituições); (c) unidade de apoio à família (orientação e suporte psicológico e emocional).

Nesse sentido, a criação dos núcleos constituiu um importante passo para o atendimento a este público. Porém, apesar dos avanços alcançados, ainda são muitos os desafios para que esses alunos sejam efetivamente incluídos em sala de aula, tendo suas necessidades educacionais atendidas, por meio da oferta de atendimento especializado. Acerca disso, a literatura da área assinala a escassez de informações sobre como interagir com alunos com altas habilidades/superdotação e a necessidade da realização de mais estudos que apontem como intervir em benefício de seu desenvolvimento (BERMAN, SCHULTZ e WEBER, 2012; VEIGA, GRANDE e GROCHOSKI, 2013). Tendo em vista que essas crianças, ao não receberem as intervenções adequadas, apesar de sua precocidade, podem não desenvolver todo

seu potencial, faz-se necessário que sejam corretamente assistidas no contexto escolar (BRASIL, 2006).

Levando em consideração que as atividades desenvolvidas pelos NAAH/S podem constituir ferramentas importantes para a divulgação do que consiste as altas habilidades/superdotação, e a formação de como atuar em benefício e desenvolvimento destes alunos; o presente estudo, que é parte de uma tese de doutorado, objetivou descrever as atividades realizadas por um Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S), na perspectiva da psicóloga que atua neste local, atendendo este público; assim como, relatar suas concepções acerca da importância das atividades realizadas neste setor.

2. Metodologia

2.1 – Participantes

Participou do estudo a psicóloga de um Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S). Ela tem 32 anos, possui Graduação em Psicologia (término do curso em 2012), Mestrado em Neurociências e Especialização em Neuropsicologia. Atua no NAAH/S há 3 anos.

2.2 – Procedimentos para construção dos dados

Após aprovação da pesquisa pelo comitê de ética, a pesquisadora se dirigiu ao NAAH/S em questão, solicitando a autorização do local para a realização do estudo. Em seguida, foi realizada uma entrevista com a psicóloga da instituição, tendo como finalidade descrever as atividades realizadas no núcleo e suas concepções acerca da importância dessas atividades. Para isso, foi utilizado um roteiro semiestruturado de entrevista e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.2 – Procedimentos para análise dos dados

A entrevista realizada com a psicóloga foi transcrita e posteriormente analisada com base na proposta de Aguiar e Ozella (2013), de apreensão dos sentidos presentes na fala do sujeito, a partir de núcleos de significação, uma proposta ancorada na abordagem sócio histórica.

Nessa proposta, o processo de organização e análise dos dados da entrevista se efetiva em três etapas: pré-indicadores (consistem em conteúdos do discurso que são reiterativos, que demonstram maior carga emocional ou ambivalências), indicadores e conteúdos temáticos

(processo de aglutinação dos pré-indicadores, seja pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição), e núcleos de significação (devem expressar os pontos centrais e fundamentais que revelam as determinações constitutivas do sujeito), na qual se avança do empírico para o interpretativo (AGUIAR e OZELLA, 2013).

3. Resultados e discussão

Como disposto anteriormente, a entrevista realizada com a psicóloga teve como objetivo descrever as atividades realizadas no NAAH/S e relatar as suas concepções acerca da importância dessas atividades. Para isso, após esta ser transcrita de forma literal, realizou-se uma leitura flutuante e, posteriormente, um levantamento dos temas que se destacaram em sua fala, os quais foram expressos em palavras e dos quais emergiram 93 pré-indicadores.

Em seguida, os pré-indicadores foram aglutinados em indicadores e conteúdos temáticos para revelarem a essência dos conteúdos expressos pelo sujeito, de acordo com critérios de semelhança, complementaridade e contraposição (AGUIAR e OZELLA, 2013).

Logo após esta etapa, passou-se para a terceira fase, que se constituiu da inferência e sistematização dos núcleos de significação através de sua nomeação. Isto foi realizado a partir da articulação dos indicadores, considerando os mesmos critérios de semelhança, complementaridade e contraposição, e revelando os pontos centrais que expressam as determinações constitutivas do sujeito, estes expostos a seguir na Tabela 1:

Tabela 1. Indicadores e Núcleos de Significação da entrevista com a psicóloga

Indicadores	Núcleos de significação
1. Atividades desenvolvidas pelo NAAH/S 2. Pessoas atendidas pelo NAAH/S 3. Necessidades do NAAH/S 4. Importância do NAAH/S	a) “A gente está sempre acompanhando”
5. Características dos alunos com AAH/S 6. Dificuldades da escola para o aluno com AAH/S	b) “As pessoas têm que entender que a pessoa que tem altas habilidades não sabe de tudo”

Fonte: elaborado pela autora

Desse modo, a partir dos procedimentos descritos, foram levantados dois núcleos de significação: a) “A gente está sempre acompanhando” e b) “As pessoas têm que entender que

a pessoa que tem altas habilidades não sabe de tudo”. Tendo em vista os objetivos dispostos no presente estudo, aqui será focado apenas o primeiro núcleo de significação. Acerca dele, podemos observar no seguinte trecho da fala da psicóloga as atividades desenvolvidas por ela no núcleo, referindo-se a questões de avaliação, encaminhamentos e acompanhamentos:

Entrevistadora: *Como você costuma organizar as atividades desenvolvidas no núcleo?*

Psicóloga: *“Inicialmente a gente faz uma anamnese com os pais, faz a entrevista com eles, pergunta os dados desde a gestação até os dias atuais, e aí a gente monta um protocolo de avaliação em que sempre vem inserido um teste de inteligência, mas também a gente vê outras questões, por exemplo, no caso de dupla excepcionalidade com autismo, a gente separa outros tipos de instrumentos para também fazer esse tipo de avaliação... A gente aplica os testes e observa os comportamentos também, porque logo em seguida aos testes, a gente conversa com eles, brinca com eles, eles começam a mostrar algumas coisas, o que gostam, o que não gostam. Então, tudo isso é avaliado, e a gente passa por um período de avaliação, e depois a gente faz também os encaminhamentos necessários de acordo com o que a criança tem facilidade, tem mais afinidade de fazer, encaminhamentos pra psicoterapia, encaminhamentos pra escola com ideias de adaptação para escola... A gente vê também junto com os pais algumas atividades, de acordo com a disponibilidade deles, algumas atividades que eles possam desenvolver que possam atuar na questão do enriquecimento curricular delas, como cursos de inglês, cursos de música, cursos voltados para artes, enfim, coisas que são do interesse deles, oficinas de robótica”.*

Entrevistadora: *Vocês fazem alguma intervenção também depois da avaliação?*

Psicóloga: *“Continua atendendo no sentido de orientação, tem algum problema na escola seja comportamental ou seja de dificuldades, então a gente continua com o acompanhamento. Algumas crianças também têm outras questões, né, por exemplo, o autismo, a dupla excepcionalidade; então, elas vêm com mais frequência, porque tem a questão da adaptação. Então, a gente está sempre acompanhando. Os pais vêm para tirar dúvidas, às vezes a gente vai até a escola pra poder conversar com o corpo pedagógico pra saber o que tá acontecendo e como proceder”.*

Desse modo, observa-se que a psicóloga cita em sua descrição das atividades realizadas, alguns elementos propostos no documento orientador para a implantação do NAAH/S, como: identificação e acompanhamento dos alunos, e orientação para pais e professores, atendendo as três unidades propostas pelo documento - professores, alunos e famílias (BRASIL, 2006). Ou

ponto também mencionado por ela foi o suporte aos profissionais de educação e as parcerias com instituições, visando uma atuação voltada para o enriquecimento curricular destes alunos.

Com relação ao público que atende, ela relatou que é muito variado, recebendo crianças de três anos a adolescentes de 18 anos. São pessoas em idade escolar, desde o Infantil I até o Ensino Médio, e pré-vestibulandos. Além disso, são pessoas de escolas públicas e privadas. Em sua fala: *“Infelizmente, ainda é mais pessoas de escolas particulares. Talvez as pessoas das escolas públicas ou os próprios pais ainda não tenham conhecimento deles, porque nem sempre é aquele aluno que tira notas boas, às vezes é aquele aluno que briga em sala de aula, que não quer assistir aula, e às vezes as pessoas não entendem. A gente sempre dá o curso de formação aqui para disseminar o assunto nas escolas públicas”*.

Tendo em vista que o foco dos NAAH/S são os alunos de escolas públicas, e a maior parte dos alunos que o núcleo recebe são de escolas particulares, vale ressaltar a importância das atividades de divulgação do núcleo nas escolas públicas, de modo que mais profissionais e alunos se tornem conscientes de sua existência, bem como das atividades desenvolvidas. Além do mais, com isso, percebe-se uma divergência entre os objetivos dos NAAH/S e a prática efetuada, tendo em vista que o objetivo geral dos núcleos seria “Promover a identificação, o atendimento e o desenvolvimento dos alunos com altas habilidades /superdotação das escolas públicas de educação básica” (BRASIL, 2006, p.16).

Sobre essa questão a psicóloga relatou que: *“A gente sempre dá o curso de formação aqui para disseminar o assunto nas escolas públicas. É tanto que os cursos de formação que existem aqui são para professores de escolas públicas, não entra professores de escolas particulares, por conta também da demanda de pessoas que precisam dessa formação. O próprio estado, o próprio município exige deles que eles tenham esses cursos”*.

Um ponto que também interfere nesta questão, é a rede profissional existente no núcleo. De acordo com a psicóloga, o núcleo carece de profissionais para atender a demanda recebida. Em suas palavras: *“...precisaríamos de outros profissionais, acho que a maioria dos NAAHS está nessa situação, a de não ter uma super equipe. Então, alguns tem só professor e não tem psicólogo, outros tem só psicólogo e não tem professor. Aqui, sou eu e a coordenadora, que é assistente social, e a gente tem o apoio das meninas do núcleo de Atendimento Educacional Especializado, que são da área pedagógica”*. Desse modo, é importante destacar a necessidade de mais profissionais que possam integrar os NAAH/S existentes, de forma que suas propostas de trabalho sejam adequadamente realizadas e alcancem os objetivos propostos, tendo em vista os desafios para que esses alunos tenham suas necessidades educacionais atendidas em sala de aula (BERMAN, SCHULTZ e WEBER, 2012; VEIGA, GRANDE e GROCHOSKI, 2013).

Com relação à importância das atividades desenvolvidas pelo núcleo, a psicóloga afirmou que o principal seria poder proporcionar o enriquecimento curricular, para que os alunos se sintam estimulados a desenvolver o potencial que possuem para a aprendizagem. Nesse sentido, em seu relato: “...o processo de dar para eles algo a mais, algo que os desafiem, algo que os instiguem a continuar, pra não perder, porque o que acontece muito é a negligência dessas habilidades... Então, a gente está sempre estimulando eles para que eles corram atrás de coisas que realmente estão além da idade deles, para que eles não deixem de lado suas habilidades, seu potencial de aprendizagem, porque aquilo que a gente não usa, é descartado, né. Não que eles vão ter uma redução de *QI* ou ficar menos rápidos do que são, mas eles vão colocar coisas que o permitam desenvolver seu potencial e ir mais além, e se eles não forem mais além, eles vão se perder um pouco nesse processo”. Nesse sentido, ao propor atividades de enriquecimento, o NAAH/S atua de modo a promover o desenvolvimento da pessoa com altas habilidades/superdotação, de forma que seu potencial específico seja desenvolvido, e suas habilidades não sejam negligenciadas, que é o que acontece muitas vezes em sala de aula.

Por isso, as atividades propostas pelo NAAH/S seguem na proposta de desafiar-los de acordo com o que os interessa, para que seu currículo seja enriquecido. Para a psicóloga: “o conteúdo da escola já é bastante limitado para eles, é repetitivo, é chato, eles dizem muito ‘ah a professora tá falando, mas eu já sei, ela fala sempre a mesma coisa, de novo, e de novo’, então eles não querem assistir aula, e aí a gente faz recomendações para a escola de utilizarem esses alunos como monitores, como ajudantes, e as atividades que a gente faz aqui com eles é mais na proposta de desafiar-los, de fazer algo numa proposta que está fora da escola” .

Assim, em sua opinião, é importante que esse aluno seja “provocado a pensar”; que sejam passadas atividades extras nas quais eles possam “desenvolver o pensamento, ter com quem conversar, ter com quem discutir as questões do interesse deles”, e nisso reside a importância das atividades desenvolvidas pelo núcleo. Eles identificam as altas habilidades, encaminham os alunos para as atividades de seu interesse e realizam tarefas que visam o enriquecimento curricular. Em sua opinião, sem estas atividades de enriquecimento e sem o apoio da escola, os alunos com altas habilidades/superdotação passam a ser “negligenciados”, e, conseqüentemente, “sofrem muito para tentar ser igual aos outros colegas”.

Desse modo, observa-se que com essas ações do núcleo, esses alunos passam a ter atividades pedagógicas diferenciadas; a partir dos encaminhamentos realizados, das atividades desenvolvidas e/ou das orientações dadas aos professores. O enriquecimento curricular disponibilizado tem contribuído para que estes alunos recebam intervenções adequadas e desenvolvam seu potencial; seja na escola, na família ou no próprio núcleo. (8) É importante

destacar que atividades de enriquecimento curricular nos mais variados âmbitos têm sido assinaladas na literatura como importantes de serem realizadas para o desenvolvimento das habilidades desses sujeitos (BRASIL, 2006; VEIGA, GRANDE e GROCHOSKI, 2013).

4. Conclusões

O presente estudo descreveu as atividades realizadas por um Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S), na perspectiva da psicóloga que atua neste local, e relatou suas concepções acerca da importância destas. Com relação às atividades realizadas, observou-se que estas estão focadas no que foi proposto pelo documento orientador para a implantação do NAAH/S, pautadas nas unidades de atendimento aos professores, alunos com altas habilidades/superdotação e suas famílias.

O público ao qual o núcleo atende é muito variado, abrangendo pessoas em idade escolar, que vão da Educação Infantil ao Pré-vestibular. Porém, a maior parte de alunos recebidos são de escolas particulares, o que rompe com um dos propósitos do núcleo de atendimento a alunos de escolas públicas. Isto requer uma maior divulgação de suas atividades para o ensino público. Outra questão importante a ser destacada é a carência de maiores profissionais para a composição do núcleo, de modo que estes objetivos possam ser efetivados.

Acerca da importância das atividades desenvolvidas pelo núcleo, a psicóloga ressaltou que a relevância estaria em proporcionar o enriquecimento curricular, e, com este, o estímulo para que estes alunos específicos possam focar em atividades que produzam o desenvolvimento de todo seu potencial, o que muitas vezes não acontece nas instituições escolares.

Dessa forma, observa-se a necessidade das atividades desenvolvidas pelos NAAH/S, assim como, sua contínua reestruturação, de modo que a identificação e o desenvolvimento do aluno com altas habilidades/superdotação se façam cada vez mais presentes em nossa sociedade. Além destas questões dispostas, faz-se importante repensar o próprio ensino nas escolas, que muitas vezes se dá de forma repetitiva e sem sentido, repercutindo negativamente no desempenho destes alunos (OLIVEIRA e FERREIRA, 2018).

5. Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, 2013.

ANTIPOFF, Cecília Andrade; CAMPOS, RH de F. Superdotação e seus mitos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 2, p. 301-309, 2010.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

BAHIENSE, Taisa Rodrigues Smarssaro; ROSSETTI, Claudia Broetto. High abilities/giftedness in the school context: perceptions of teachers and teaching practice. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 2, p. 195-208, 2014.

BERMAN, Kimberly M.; SCHULTZ, Robert A.; WEBER, Christine L. A lack of awareness and emphasis in preservice teacher training: Preconceived beliefs about the gifted and talented. **Gifted Child Today**, v. 35, n. 1, p. 18-26, 2012.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). Documento Orientador. Execução da Ação. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Especial. Marco Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2010.

MAIA-PINTO, Renata Rodrigues; FLEITH, Denise de Souza. Percepção de professores sobre alunos superdotados. *Estud. psicol.(Campinas)*, v. 19, n. 1, p. 78-90, 2002.

OLIVEIRA, Keilla Rebeke Simões de; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. Os alunos com altas habilidades/superdotação e a teoria histórico-cultural: uma revisão da literatura. In: Organização Atena Editora. *Políticas públicas na educação brasileira: caminhos para a inclusão*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2018, cap. 18.

RANGNI, Rosemeire; COSTA, Maria Piedade. Altas habilidades/superdotação: entre termos e linguagens. **Revista Educação Especial**, v. 24, n. 41, 2011.

RECH, Andréia Jaqueline Devalle; FREITAS, Soraia Napoleão. Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria/RS. *Rev. bras. educ. espec*, v. 11, n. 2, p. 295-314, 2005.

VEIGA, Elizabeth Carvalho; GRANDE, Diogo; GROCHOSKI, Simone. As relações entre o aluno com Altas Habilidades/Superdotação e o professor do Ensino Comum. **Psicologia Argumento**, v. 31, n. 72, 2013.

WINNER, Ellen. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Artmed, 1998.